

# Espera por cirurgia oscila de um dia a quatro anos

*Com poucos anestesistas, Hospital de Base falha no atendimento*

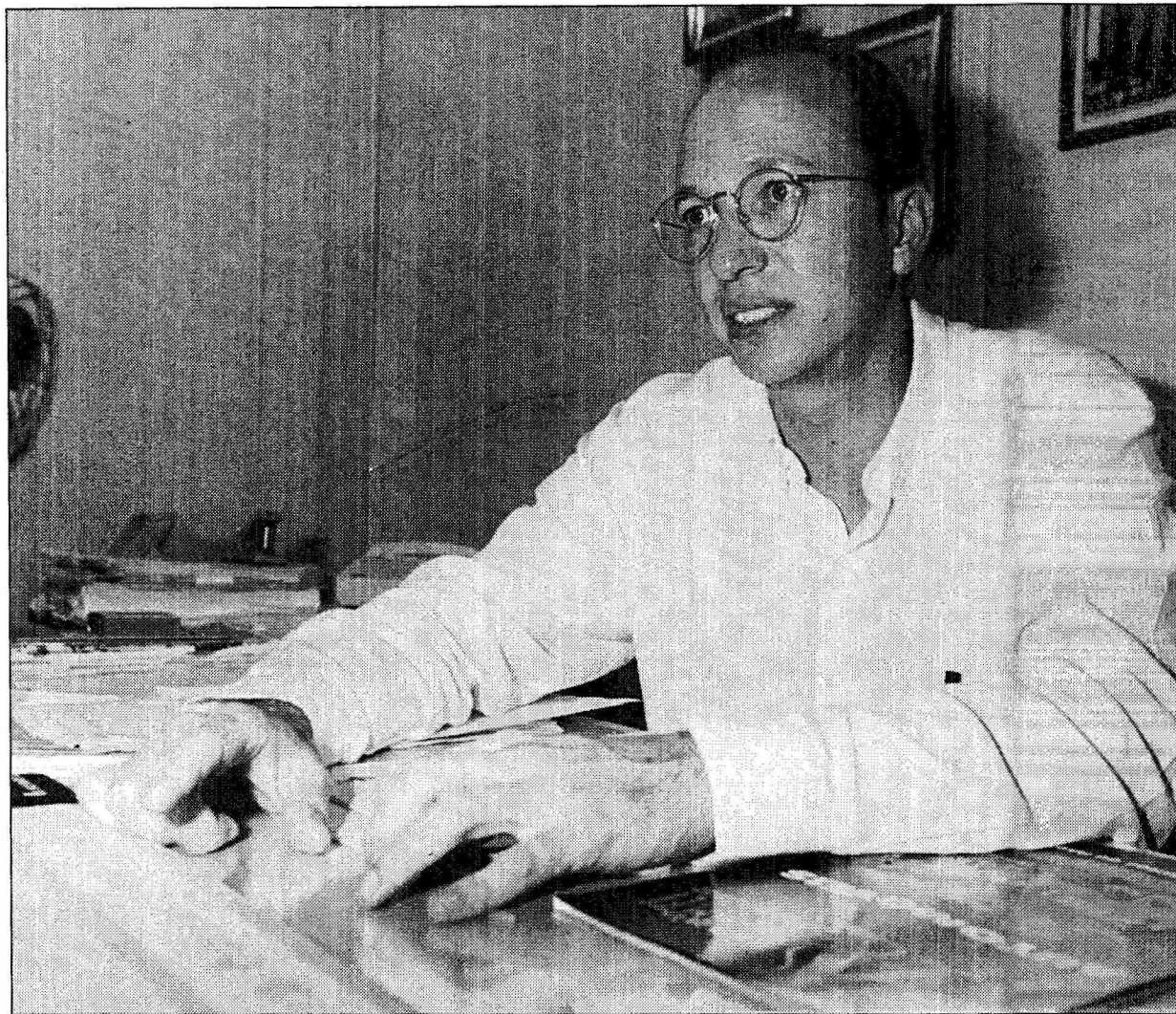
Francisco Stuckert

ANOUSHE DUARTE

As pessoas que precisam de uma cirurgia no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) terão de enfrentar uma fila com mais de dois mil inscritos. Segundo o cirurgião Luiz Pinto Fernandes, chefe do Serviço de Emergência do HBDF, a espera para uma cirurgia eletiva, ou seja, sem caráter de urgência, pode variar de um dia até três ou quatro anos. Faltam médicos e, principalmente, anestesistas - o hospital tem apenas 32, número que o próprio coordenador considera insuficiente.

Fernandes acredita que seria necessária uma reforma total no sistema de saúde, colocando-se mais médicos, enfermeiros, mais equipamentos, para equilibrar esta lista de espera. Atualmente, os cirurgiões têm de adotar critérios de seleção, até mesmo nas cirurgias emergenciais. Por isso, algumas pessoas acabam esperando até 48 horas para serem atendidas no Pronto Socorro. "Não temos condições para operar todos", ressalta o médico. "Se temos, por exemplo, alguém que acabou de quebrar o braço e precisa de uma cirurgia urgente e chega uma criança baleada, o primeiro terá de esperar".

**Quadro insuficiente** - Hoje, o HBDF realiza, aproximadamente, 230 cirurgias eletivas, por mês, e cada anestesista faz, em média, três operações por período. Um número que ainda não é o suficiente para



**Luiz Pinto Fernandes, chefe da Emergência: somente uma reforma geral poderia equilibrar a lista de espera**

reduzir a fila dos que aguardam por uma cirurgia. A Secretaria de Saúde informou que mais nove anestesistas serão contratados para o HBDF. "O anestesista domina o centro cirúrgico", lembra Fernandes. "Sem ele a

sala não pode nem ser aberta. Com os nove anestesistas realizaremos mais 27 operações por período, e isso é ótimo".

Além da falta de anestesistas, o número de enfermeiros e equipamen-

tos também não é suficiente para atender às pessoas que procuram o HBDF. Luiz explicou que grande parte dos pacientes vem de Mato Grosso, Goiás e Minas, e isso sobrecarrega o atendimento no hospital.